

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS AND THE OUTBREAK OF A NEW POPULAR CULTURE

Rodrigo Cazes Costa¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar o conceito de *cultura popular modificada*. Por meio de um exame do conceito de cultura popular, em especial na América Latina, assim como do diário de Carolina de Jesus, *Quarto de despejo*, publicado em 1960, este estudo busca vislumbrar como os novos meios de produção e divulgação digitais podem auxiliar a produção e a divulgação da cultura popular modificada.

Palavras-chave: Cultura popular. Cultura popular modificada. Literatura brasileira. Literatura de Testemunho.

ABSTRACT

The aim of this paper is to investigate the concept of 'modified popular culture'. By looking at both the concept of Latin American popular culture in particular, as well as at 1960s Carolina de Jesus' diary, *Quarto de Despejo*, this paper will discuss on how the new digital media may help *modified popular culture's* production and diffusion.

Keywords: Popular culture. Modified popular culture. Brazilian literature. Testimony Literature.

CULTURA POPULAR NA AMÉRICA LATINA

Ao longo da modernidade², entre o século XVIII até finais do século passado, à medida que a economia e a sociedade se tornavam mais complexas e o Iluminismo surgia

¹ Professor adjunto A do curso de Produção Cultural da UFF em Rio das Ostras. Graduado em Direito pela UFRJ, Cinema pela Universidade Estácio de Sá, Mestre e Doutor em Letras/Estudos de Literatura pela PUC-Rio. E-mail: rcazesc@hotmail.com

² Não pretendo aqui efetuar uma ampla discussão sobre a questão da modernidade e da pós-modernidade. Contudo, admito o uso do termo pós-modernidade para pensar determinadas questões da época em que vivemos.

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

decretando o império da razão, da ordem e do progresso, o desejo de reforma cultural avançava, subestimando e tendendo a eliminar manifestações da cultura popular. Em contrapartida, com o Romantismo, aparecem iniciativas de preservação em relação à cultura popular, que começa a ser descoberta e estudada pelos intelectuais. O surgimento do movimento folclorista na Europa, em meados do século XIX, aponta para uma necessidade de resistência em virtude da quase eliminação de determinadas manifestações da cultura popular, que passaram a ser pesquisadas, catalogadas e preservadas.

A questão em relação à cultura popular que sempre se apresentou para os latino-americanos é como potencializar o que, para a modernidade, era visto como atraso. Grande parte da população latino-americana é formada pelos excluídos das vantagens trazidas pelos ideais presentes no Iluminismo. Se houve, em vários países, chamados muitas vezes de “desenvolvidos”, avanços econômicos, sociais e tecnológicos significativos que melhoraram as condições de vida de grande parcela da população, poucas pessoas tiveram acesso a tais melhorias nos países latino-americanos, havendo um grande abismo entre uma elite econômica e intelectual e a grande massa de pessoas, muitas vezes carente de condições básicas para a sobrevivência. A cultura popular modificada³, então, é um conceito desenvolvido a partir da perspectiva dessa massa que, no século XX e mesmo no século XXI, ainda não conseguiu alcançar todas as benesses prometidas pela modernidade, ficando, mais ou menos, à margem de tal programa.

Se nunca conseguimos atingir o patamar de evolução social determinado pela modernidade, não há porque, num regime de pós-modernidade, ter vergonha do estado de “desenvolvimento” em que se encontra a América Latina. Até porque se deve pensar que o ideal de progresso existente à época, que tinha como destino final a melhoria da

³ Utilizo o termo “cultura popular modificada” para definir uma espécie de manifestação cultural popular que se desenvolve fora do espaço tradicional em que, geralmente, ocorriam essas manifestações: o campo, o espaço fora dos centros urbanos. Com a maioria da população dos países latino-americanos vivendo nas cidades, imersa na cultura de massas, tendo pouco ou nenhum acesso à cultura erudita e contando com pouca educação formal e pouca renda, marginalizada dos mecanismos de poder político, surge um novo tipo de cultura popular que mescla todos esses elementos, e cujo exemplo pode ser percebido no *funk* carioca.

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

qualidade de vida de toda a humanidade, fundamentado na ciência, é uma crença que já no século XIX sofria críticas. O questionamento dos critérios de progresso moderno envolve, aqui, em primeiro lugar, admitir e trabalhar com a ideia de uma contaminação permanente entre os conceitos de popular, erudito e massivo, especialmente se levarmos em consideração que nunca foi alcançada, na América Latina, uma modernização cultural, econômica e social que pudesse dar ensejo a uma produção erudita que determinasse de maneira contundente o lugar dos outros dois campos.

Também se pode pensar em uma desconstrução das hierarquias do conhecimento, efetuando-se uma crítica do primado da razão proposto pelo projeto iluminista.

CAROLINA DE JESUS E O QUARTO DE DESPEJO

A Literatura de Testemunho é uma modalidade que tem por objetivo o resgate da memória histórica por meio de narrativas daqueles que estavam presentes nos locais de determinados acontecimentos, como personagens. É um conceito gerado em dois locais e tempos históricos diversos: na América Latina, nos anos 1960, e na literatura sobre a *shoah*, termo hebraico utilizado para designar o acontecimento histórico do holocausto. Há que se notar que os dois conceitos surgem de modo paralelo, sem haver muita comunicação entre eles.

Na Literatura de Testemunho, no que diz respeito a seu aspecto latino-americano, estabelece-se um diálogo entre um escritor ou um jornalista, culto, detentor dos instrumentos de poder da escrita, da mídia, e os depoentes que ele utiliza para a composição de suas narrativas, dando voz a esses excluídos sem acesso aos meios tradicionais de divulgação de ideias. Trata-se de uma modalidade de literatura concebida por um projeto de esquerda que buscava dar voz aos menos favorecidos com o objetivo de que pudessem, de alguma forma, colaborar nas mudanças sociais pretendidas, à procura de uma sociedade mais igual, fossem ou não essas mudanças obtidas pelas vias revolucionárias. No entanto, essa voz deveria estar mediada pela ação de um intelectual

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

que fosse capaz de dar o direcionamento correto aos desejos e pensamentos daqueles que pertenciam às classes menos favorecidas. Nesse sentido, haveria uma conscientização das classes populares a respeito de sua condição e, por meio da pressão popular nas ruas, a construção de uma agenda de mudanças que melhorasse seu padrão de vida.

Mesmo que o programa dos intelectuais da época não fosse inteiramente equivocado, porque grandes mudanças no *status quo* das sociedades somente surgem a partir da pressão nas ruas de grupos sociais mais ou menos organizados⁴, a relação de tutela que eles mantinham com aqueles que pertenciam às camadas mais pobres e menos “esclarecidas” da população trazia um componente de autoritarismo pouco tolerável⁵.

Como instrumento de poder no mundo da cultura e da política, o ato de escrever, ser publicado e lido sempre excluiu boa parte das manifestações da cultura popular, já que esta tem como uma de suas características principais a oralidade. Portanto, o surgimento de Carolina de Jesus no mercado editorial brasileiro, nos anos 1960, pode ser visto como um fenômeno de características extremamente singulares. A polêmica em torno da edição de *Quarto de despejo*, se o livro teria sido realmente escrito por Carolina ou por seu editor, Audálio Dantas, revela o preconceito existente contra a possibilidade de uma mulher negra e pobre como Carolina de Jesus se expressar por meio da linguagem escrita. Ela estaria ultrapassando uma barreira, invisível, destinada àqueles que vinham das classes populares e não tinham a possibilidade de publicar um livro com seus escritos. Ela significava o rompimento com uma continuidade:

⁴ Durante o ano de 2011, um fenômeno de repúdio ao excessivo poderio do capital financeiro ocorreu em Nova York: o movimento *Occupy Wall Street*. Centenas de manifestantes acamparam numa praça próxima a Wall Street e pretendiam impedir o acesso à bolsa de valores americana. A manifestação repetiu-se, de maneiras diferentes, em várias cidades do mundo.

⁵ As manifestações ocorridas no Brasil a partir de junho de 2013 podem fornecer um bom material a respeito da relação entre intelectuais, instituições políticas formais (partidos políticos e sindicatos) e o povo no que diz respeito a anseios e desejos e como estes se manifestam. As manifestações, que iniciaram por meio de um movimento social de São Paulo (Movimento Passe Livre) contra o aumento das passagens de ônibus no município, se desdobraram em múltiplas reivindicações, as quais não partiam de partidos políticos ou sindicatos, e sim brotavam de maneira espontânea, com o povo fazendo-se representar diretamente nas ruas.

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

Às vezes deliberadamente, outras por suas próprias determinações, a autora violou os códigos que sustentavam a imobilidade, perenidade e reprodução da desigualdade social no país, criando, assim, outras significações imaginárias sociais. Carolina sofreu os efeitos do rompimento com a continuidade. Não por acaso a chamaram de difícil, insubmissa, petulante, geniosa, atrevida, rebelde, transgressora, ousada, explosiva, agressiva, arrogante, desafiadora e, mais tarde, com seu sucesso em declínio, de fracassada, vítima e louca (MACHADO, 2006, p. 105). Carolina tendo sido uma catadora de papel transgrediu o gendrado masculino, como transgrediu ao ousar escrever. Apesar de ser considerada *lumpen* participou do mundo público tendo tido ações que eram (são) consideradas de domínio masculino, com movimentos de deslocamentos constantes. Ao habitar múltiplos espaços desconstruiu os meta-relatos da história brasileira nos quais apenas os homens construíam histórias. Seus deslocamentos e metamorfoses de fuga transformaram sua escrita em um solo sem repouso conceitual, pois ela dizia a partir de múltiplos lugares do mundo público (como mulher, como escritora, como mãe, como uma pessoa que lutava pela sobrevivência, como cidadã indignada pela miserabilidade do Brasil Moderno) (MAGNABOSCO, 2003, p. 88-89).

Não seria exagero afirmar que *Quarto de despejo* é um livro de invenção, pela possibilidade de Carolina de Jesus manifestar-se fora do terreno que lhe fora destinado. É aberto um novo campo de ação para a cultura popular, cujos resultados mais tarde seriam notados.

Tradicionalmente, coloca-se o pobre, ou aquele desprovido de capacidade de articular uma linguagem escrita que siga os padrões da norma culta, como vítima de processos sociais que o impedem de construir corretamente seu pensamento. Ele tem, talvez, o que dizer, mas não possui as ferramentas para isso. Seria, então, dever dos intelectuais dar voz àqueles que podem ensinar como é dura a vida dos excluídos. Nos diários de Carolina, ocorre uma virada nessa estratégia, já que ela escapa ao domínio de seu mediador, Audálio Dantas, produzindo narrativas que ultrapassam os objetivos de aprisionamento por parte do projeto nacional-popular dos anos 1960 ou de qualquer outro projeto que tente colocá-la apenas como representante dos pobres que conseguem sobreviver a suas duras rotinas e, assim, retratá-las.

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

Sua narrativa articula tamanha complexidade de questões, através de suas constantes contradições e sua articulação linguística, que não permite ser reduzida a um simples documento comprobatório de uma tese. Há uma perspicácia no diário de Carolina, permitindo que a protagonista se desloque da ordem instituída para sua margem, por meio dos fragmentos repetitivos de seu diário.

O sucesso editorial de *Quarto de despejo* superou todas as expectativas. O livro foi traduzido para vários idiomas, resultado do sempre existente interesse do público estrangeiro pelos aspectos do Brasil que dizem respeito a nossas particularidades, nossos exotismos, nossas diferenças, nossos arcaísmos. *Quarto de despejo*, sem que sua autora tivesse nenhuma credencial anterior, foi um enorme sucesso à época por demonstrar a necessidade de avanço no desenvolvimento econômico e social do país ao mesmo tempo que revelava suas mazelas. A porção do Brasil que vivia em padrões de vida semelhantes aos dos países na época considerados como “desenvolvidos” acabava por dar ao livro uma grande importância, como revelação do panorama nacional, pois mostrava qual era a situação de boa parte da população brasileira. A situação dos desprivilegiados na obra de Carolina materializa-se, inclusive, porque foram mantidos alguns erros gramaticais presentes em *Quarto de despejo*, tal como foram encontrados por Audálio Dantas, antes de os manuscritos originais dos diários sofrerem a sua interferência editorial. Foi o aspecto documental, de revelação, aquele que mais interessou aos milhares de leitores do diário de Carolina de Jesus, assim como a quase totalidade da crítica à época:

Carolina Maria de Jesus representa a voz daqueles indivíduos situados no quadro da lógica capitalista de exploração do trabalho, esta que nos anos 1950 já havia marcado o território e substituído o trabalho humano pelo da máquina. Afinal, fazia parte de um projeto de Brasil que iniciava a sua industrialização e a substituição da mão de obra no campo, num contexto de desentrelaçamento do atraso brasileiro, quando o binômio Crescimento/Pobreza se aprofunda, mostrando as nossas desigualdades mais acirradamente, sobretudo na cidade de São Paulo (FERNANDEZ; TOLENTINO, 2004, p. 54).

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

Quando se lê o diário de Carolina de Jesus, *Quarto de despejo*, corre-se o risco de ter por sua autora um sentimento de pena, pelo fato de ela ter vivido em situação de miséria quase absoluta durante o período de sua vida coberto pelo diário. Audálio Dantas, à época jornalista da *Folha da Noite*, que tomou conhecimento da existência de Carolina ao fazer uma reportagem na favela do Canindé, organizou a edição de *Quarto de despejo*. O jornalista tentou fazer de Carolina um símbolo popular da luta política de esquerda no Brasil à época, algo que ela não projetava ser. Carolina mostrava grande descontentamento com sua condição de miséria e deixava tal fato bastante explícito nas páginas do diário. Ela também raramente apreciava a convivência com os pobres, os miseráveis, os favelados (o livro tem um subtítulo curioso, que Carolina talvez não desejasse, mas que servia ao projeto de incluí-la como testemunha da dura vida em uma favela brasileira: *diário de uma favelada*): “estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar, hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas” (JESUS, 1960, p. 21). Nesse pequeno trecho, verifico um dos procedimentos que Carolina adotava, sem querer, mas que acabaram incorporados à materialidade de sua escrita: seus erros gramaticais. Repetidos por todo o diário, emprestaram à autora uma aura de testemunha crível, que, no projeto de Audálio Dantas e dos editores do diário, servia bem ao propósito de fazer o Brasil do início dos anos 1960 enxergar como era dura a vida do pobre. As palavras escritas de forma errônea, no entanto, fazem parte da operação maior de Carolina, que é a de deslocar o pensamento estabelecido rumo a territórios alternativos ao espaço literário erudito. *Quarto de despejo* merece ser compreendido como objeto de estudo literário, ao lado de obras de autores modernistas contemporâneos como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, indo além do simples documento histórico ou de enquadramentos restritivos em gêneros como Literatura de Testemunho ou Estudos de Gênero.

Houve uma mobilização, à época da publicação de *Quarto de despejo*, para que o problema das favelas fosse resolvido. Em São Paulo, surgiu o MUD (Movimento Universitário de Desfavelamento), e a favela do Canindé acabou sendo extinta⁶. Porém,

⁶ Ver a publicação do Caderno de Pesquisa do LAP número 6: *A vivência da realidade e a prática do fazer: Movimento Universitário de Desfavelamento*. São Paulo: FAU/USP.

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

desejo fugir ao aspecto do exame do texto de Carolina de Jesus como testemunho e denúncia. Não que tal aspecto possa ser abandonado por inteiro, já que as questões de ausência de condições materiais básicas para a sobrevivência, existentes à época de Carolina, continuam presentes no Brasil. Apenas não me interessa uma abordagem de seu diário que se reduza a esse aspecto. A tentativa que faço aqui é de trazer a escrita de Carolina para o campo mesmo da **literatura**, equiparar seu diário a qualquer produção ficcional que seja objeto de estudos literários. Abrir o campo de estudos, ao invés de fechá-lo.

No decorrer de suas narrativas, Carolina sempre busca uma dupla operação em relação ao local que ocupa: num primeiro momento, ela se reconhece como ocupante desse espaço marginal, tanto pela circunstância biográfica quanto pelo instrumento linguístico de que dispõe. Num segundo momento, afirma qualidades suas que a fazem um corpo estranho dentro desse mundo marginal. Sua alfabetização, mesmo que incipiente, tornava-a uma leitora e seu repertório intelectual excedia o da maioria de seus vizinhos da favela, distinguindo-a. Carolina é pobre, mas não é uma marginal que questione, de maneira programática e sistemática, as fundações da sociedade em que vive. Ela era marginal, mas não desejava “ser herói”⁷. Apenas desejava escrever e ter uma vida melhor, integrando-se a determinadas práticas e valores da elite, do centro da cidade.

As narrativas de Carolina sempre operam nessas várias ordens: ela é libertária por seu procedimento estético renovador, ao mesmo tempo que pode enveredar pelas maiores demonstrações de conservadorismo ou, mesmo, personificar a figura de uma mulher liberada sexualmente. Outro dos pontos mais comumente abordados nos estudos sobre Carolina é o que a inclui dentro dos estudos de gênero na literatura, colocando-a como representante de uma literatura feminista. Apesar de compreender que esse enquadramento muitas vezes acaba reduzindo, novamente, o procedimento de escrita de

⁷ Refiro-me à célebre frase de Hélio Oiticica: “Seja marginal, seja herói”. Nos anos 1960/1970, ser marginal significava ir contra a sociedade estabelecida. Nos dias de hoje, a associação que se faz da figura do marginal está ligada à imagem de um bandido perigoso que ameaça ou mesmo termina com a vida de várias pessoas.

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

Carolina, em suas narrativas há um registro histórico e sociológico. Não nego a importância desse enquadramento, quando serve para estabelecer diálogo com o que considero mesmo o mais potente em Carolina: seus procedimentos estéticos de escrita. Podem-se identificar traços de uma vertente “feminina” na escrita de Carolina, mas essa vertente de leitura de seus diários geralmente acaba por não dar conta de maneira suficiente da potência literária que eles encerram.

Carolina está, quase sempre, no lugar que mais detesta: o quarto de despejo, a favela. Nesse ambiente, do qual pretende sair através da escrita, ela vai narrar fatos que, segundo sua ótica muitas vezes moralista, não são aqueles que uma pessoa deveria presenciar numa rotina de vida saudável: “E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente” (JESUS, 1960, p. 15). Mais do que elemento de denúncia de uma situação social ou humanamente lamentável, o que vejo é um desejo de saída de um espaço no qual Carolina lamenta profundamente viver. O modo que ela encontra para escapar dessa condição é o exercício de uma atividade estético-intelectual identificada com um horizonte burguês: “O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja” (JESUS, 1960, p. 23).

Há sempre, nessa fuga de Carolina, um desejo de se afirmar como mulher que resolve sua própria vida, sem depender de nenhum homem para sustentá-la. Para tanto, destaca o valor de seu trabalho, mesmo sendo o de catadora de papel. Cria seus filhos solteira, sendo sexualmente liberada nos anos 1950, colocando essa questão, mesmo que de maneira discreta, no âmbito da materialidade de sua escrita. No entanto, sua afirmação como mulher não se dá somente pelo caminho libertário. Ela tem atitudes contraditórias, como muito do que se lê nos diários de Carolina, subordinadas à sua visão, muitas vezes, extremamente conservadora.

Quarto de despejo, então, acaba por se tornar uma narrativa duplamente renovadora. Como um diário, é renovadora da fórmula do diário burguês tradicional.

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

Carolina renova a tradição popular da oralidade. Nesse sentido, o diário vai desenvolver-se por esse caminho de contradições. Carolina reivindica determinados valores burgueses, mas, devido à sua condição de quase miserável, não pode assumir os preconceitos que, muitas vezes, acompanham tais valores.

A narrativa do diário se passa numa dimensão em que a falta do que comer se sobrepõe à possibilidade da dimensão do sonho. Quando ele surge, é como um pesadelo que está lá para lembrar Carolina de que não há o que comer e que ela vive na favela:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha (JESUS, 1960, p. 40).

A escrita de Carolina, portanto, não opera num terreno da utopia, mas sim num terreno da possibilidade imediata de obter ou não o que ela necessita para sua sobrevivência, e a de seus filhos, no dia a dia.

DE CAROLINA DE JESUS À CULTURA POPULAR MODIFICADA DIGITAL

De 1960, quando Carolina de Jesus publicou a primeira edição de *Quarto de despejo*, aos dias de hoje, o panorama da cultura popular modificou-se. Nos tempos da produção de conteúdo em formato digital, o baixo custo para a realização e divulgação de um objeto artístico é o fator principal para que possa emergir o que chamo de “cultura popular modificada”. É muito mais simples para o artista popular, nos dias de hoje, ter acesso aos meios de produção e divulgação, caso deseje produzir objetos artísticos que fujam de um modelo de cultura popular ancorado na manutenção simples da tradição. Ele

INTER-LEGERE

QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS E O SURGIMENTO DA CULTURA POPULAR MODIFICADA

Rodrigo Cazes Costa

pode mesmo resgatar tais elementos da tradição folclórica, interferindo sobre eles através da combinação com materiais e procedimentos massivos e eruditos.

Nos dias atuais, para a cultura popular modificada e aqueles que a produzem, a questão não é somente como representar a si mesmo, e sim como podem ser concebidas novas formas de construção artística utilizando os veículos de comunicação de massas da era digital. De modo geral, no entanto, mesmo em um país extremamente desigual em termos econômicos e sociais como o Brasil ainda se mostra, a cultura de massas divulga amplamente os elementos da cultura popular de que se apropria, interferindo nos padrões de gosto do público. Assim, não somente é aberto espaço para a profissionalização de artistas vindos de camadas inferiores como, paradoxalmente, é criado um horizonte de expectativa favorável ao consumo de produtos artísticos marcados por registros populares de linguagem, bem como registros compostos por fragmentos de tradições antigas que resultam em soluções estéticas novas. É a questão que se apresenta: como saber aproveitar as brechas oferecidas pelos meios de comunicação massivos, em sua configuração digital de baixo custo? Acredito que os tempos são favoráveis àqueles que estão envolvidos com a produção de cultura popular modificada. Nesse sentido, a produção artística de Carolina de Jesus é pioneira na tentativa de romper com a tradição de intermediação da produção cultural popular por um intelectual, assim como pela indústria, apontando um caminho que, nos dias de hoje, em manifestações artísticas como o *funk* ostentação, prescinde dos canais tradicionais de legitimação intelectual e da indústria.

REFERÊNCIAS

FERNANDEZ, Rafaella Andréa; TOLENTINO, Célia Aparecida Ferreira. Carolina e Esmeralda: um doloroso caminho em comum. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, Marília, v. 4, n. 2, 2004.

JESUS, Carolina de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MACHADO, Marília Novais da Mata. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinação e imaginário. **Psicologia e sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2006.